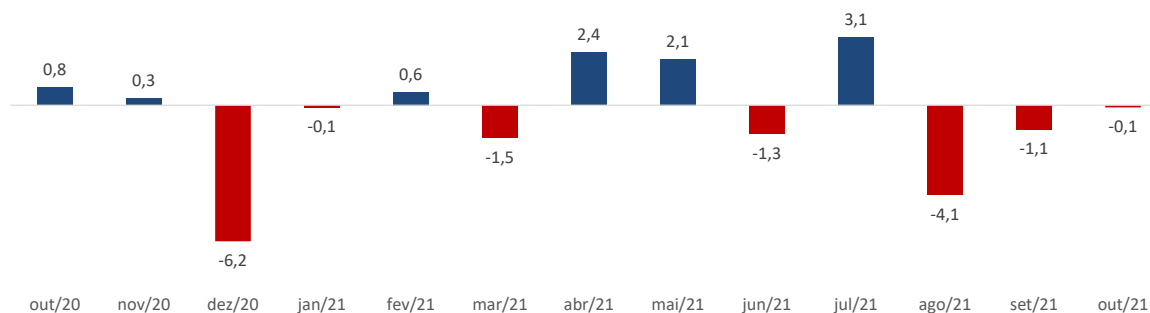


INFLAÇÃO VOLTA A CASTIGAR VAREJO E VOLUME DE VENDAS RECUA PELO 3º MÊS

Mesmo repassando apenas a metade da alta nos preços no atacado, queda interanual do volume de vendas foi a maior para meses de outubro desde 2016. CNC revisa previsão para 2021 de +3,6% para +3,1%. Para 2022, a entidade projeta alta de 1,2%.

O volume de vendas do varejo recuou 0,1% em outubro, de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada hoje (08/11) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado praticamente confirmou a expectativa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), que esperava estabilidade em relação ao mês anterior. Dessa forma, o setor apresentou queda pelo terceiro mês consecutivo, acumulando retração de 5,3% desde agosto deste ano.

QUADRO I
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO
(Variações % em relação ao mês anterior com ajuste sazonal)

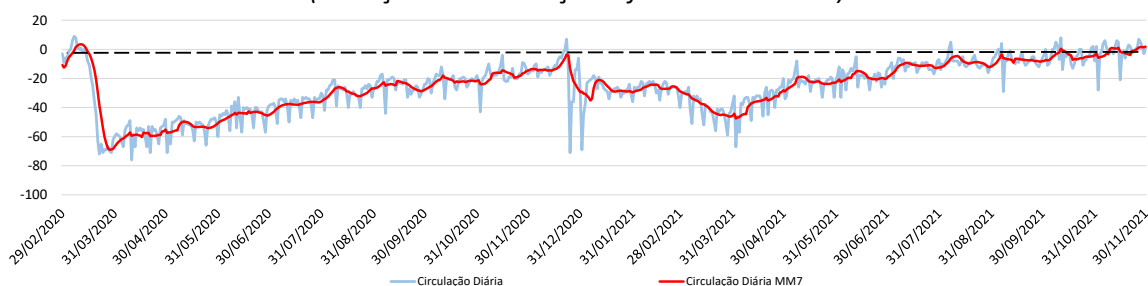


Fonte: IBGE

Apenas três dos dez segmentos avaliados pelo Instituto apresentaram avanços mensais, a saber: Equipamentos de informática, comunicação e materiais de escritório (+5,6%); artigos de usos pessoal e doméstico (+1,4%); e tecidos, vestuário e calçados (+0,6%). O resultado negativo de outubro foi particularmente influenciado pelos desempenhos das vendas de móveis e eletrodomésticos (-0,5%) e pelos hiper e supermercados (-0,3%) – o principal segmento do varejo e que tem registrado quedas mensais desde o último mês de julho.

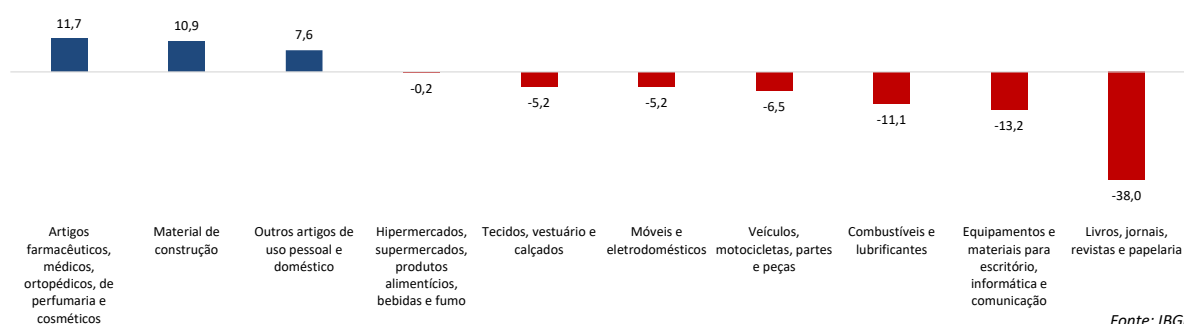
Claramente, o bônus representado pelo aumento na circulação de consumidores que permitiu a reação do setor após as duas ondas da pandemia se mostra próximo ao esgotamento, na medida em que, em novembro, pela primeira vez desde o início da crise sanitária, a frequência de consumidores atingiu nível semelhante ao de fevereiro de 2020 (+1,9%).

QUADRO II
FLUXO DIÁRIO DE CONSUMIDORES EM ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
(Variações % em relação a fevereiro de 2020)



Com o terceiro recuo consecutivo, o volume de vendas do varejo voltou a se situar abaixo do nível observado em fevereiro de 2020 (-0,1%). Atualmente apenas três dos dez ramos do varejo brasileiro ostentam níveis de volume de vendas maiores do que os de fevereiro do ano passado, destacando-se negativamente os *gaps* nos ramos de livrarias e papelerias (-38,0%), equipamentos de informática e comunicação (-13,2%) e combustíveis e lubrificantes (-11,1%).

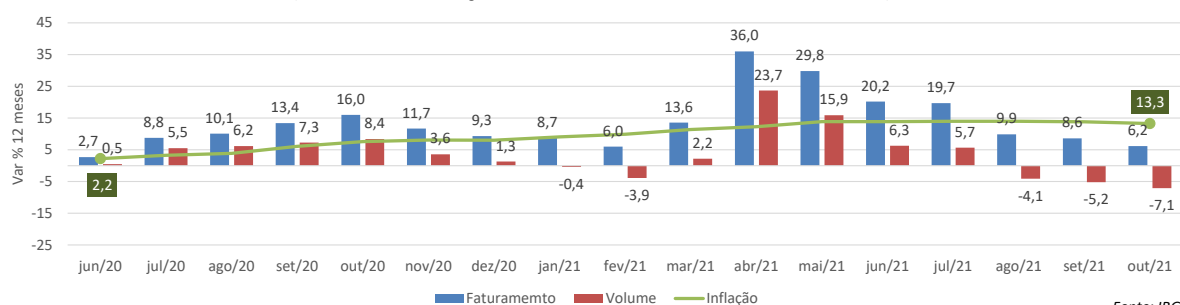
QUADRO III
VOLUME DE VENDAS SEGUNDO SEGMENTOS DO VAREJO EM OUTUBRO DE 2021
(Variações % em relação a fevereiro de 2020)



Fonte: IBGE

Em que pese o aumento no faturamento, a deterioração das condições de consumo tem levado o comércio a experimentar perdas sucessivas de volume de vendas também nos comparativos interanuais. Em relação a outubro de 2020, por exemplo, houve avanço de 6,2% na receita, porém, descontada a variação dos preços, o setor observou uma retração de 7,1% - maior queda no comparativo interanual desde outubro de 2016 (-8,1%).

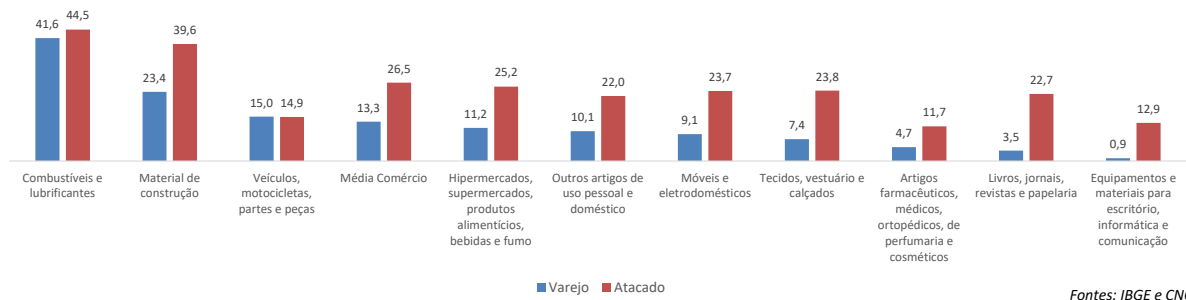
QUADRO IV
FATURAMENTO, VOLUME E INFLAÇÃO NO VAREJO
(Var.% em relação ao mesmo mês do ano anterior)



Fonte: IBGE

O descasamento entre os preços praticados no atacado e no varejo é, atualmente, uma realidade em praticamente todos os segmentos do setor, em especial no ramo de informática e comunicação em que o ritmo de reajustes dos preços ao produtor é 14 vezes mais intenso que ao varejista. Seguem-se ainda os descompassos nas remarcações apresentados nos ramos de livrarias e papelarias (6,5 vezes) e de vestuário (3,2 vezes). Na média, o varejo tem repassado ao consumidor metade da alta dos preços no atacado.

QUADRO V
VARIAÇÕES DO ÍNDICE DE PREÇOS AO PRODUTOR E DOS PREÇOS NO VAREJO
(Var.% em 12 meses)



Além do ritmo intenso dos reajustes no atacado e da incapacidade de repasse integral das altas de preços ao consumidor final, somam-se ao cenário de deterioração das condições de consumo o encarecimento do crédito – cuja taxa de juros das operações com recursos livres às pessoas físicas avançou de 37% para 44% entre dezembro de 2020 e outubro deste ano - e a letargia do mercado de trabalho.

A improvável reversão deste cenário no curto prazo levou a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) a revisar de +3,6% para +3,1% sua expectativa de variação do volume de vendas do comércio varejista para este ano e a projetar avanço de 1,2% para o setor no próximo ano.

QUADRO VI
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO
(Variações % em relação ao ano anterior)

